

Articulações entre as noções de campo e *habitus* de Bourdieu e a Turistificação das Favelas

Rafael Melo PEREIRA¹

Carolina Lescura de Carvalho CASTRO²

Bernardo Lazary CHEIBUB³

Resumo: Esse artigo tem como objetivo geral debater sobre como os conceitos de campo e *habitus*, preconizados por Pierre Bourdieu, podem auxiliar na compreensão do fenômeno de turistificação nas favelas. A fim de explanar as possíveis contribuições destas teorias com o fenômeno da turistificação de favelas, o trabalho em um primeiro momento fez uma revisão bibliográfica das obras do referido sociólogo e do turismo em favela; em um segundo momento são extraídos para análise fragmentos de alguns trabalhos específicos sobre o tema em questão, para ao final levantar reflexões que possam agregar diferentes abordagens teórico-metodológicas ao campo de estudos do turismo.

Palavras-chave: Turismo em Favela; Campo; *Habitus*

1 Introdução

Escrever sobre turismo em favela é uma atividade desafiadora por dois motivos: 1) a bibliografia desse tema específico é escassa, pois somente nos últimos anos essa atividade turística vem sendo objeto de pesquisa dos acadêmicos, logo as opiniões sobre o tema estão surgindo paulatinamente (FREIRE-MEDEIROS, 2015); 2) consiste na polêmica gerada pelo assunto, que, como pontua Bianca Freire-Medeiros (2009, p.10), ainda é muito criticado por alguns que o interpretam como “um resultado perverso da combinação de um voyeurismo mórbido, por parte do turista, com uma precariedade desesperada e/ou passiva por parte dos favelados”.

Cabe sublinhar que os efeitos do turismo nas localidades receptoras são difíceis de medir. Margarita Barreto (2005, p. 45) reforça essa questão, ao afirmar: “o problema que ainda permanece, decorridos quase vinte anos, é como medir os impactos [do turismo],

¹ Mestrando em Turismo pelo PPGTUR/UFF, Pós-Graduado em Gestão de Empreendimentos Turísticos pela UFF e Bacharel em Turismo e graduado em Relações Públicas pela FACHA. Professor das Faculdades Integradas Hélio Alonso, atuando no curso de graduação em Turismo. Pesquisador do Grupo TGTur/UFF. <http://lattes.cnpq.br/8373333506054895>. rafael_melop@hotmail.com.

² Doutora e Mestre em Administração pelo PPGA/UFLA, Pós-graduada em Gestão de Negócios pela UFJF e Bacharel em Turismo pela UFJF. Professora da Faculdade de Turismo e Hotelaria da UFF, atuando nos cursos de graduação e no programa de Pós-Graduação em Turismo (PPGTUR/UFF). <http://lattes.cnpq.br/3648839193122269>. carolescura@gmail.com

³ Doutor em História, Política e Bens Culturais pelo Cpdoc/FGV, com estágio de pesquisa na Universidade de Surrey (RU); Mestre em Estudos do Lazer (Interdisciplinar) pela UFMG; Pós-graduado em Pedagogia da Cooperação pela Unimonte - SP; Pós-graduado em Lazer pelo Senac - SP; Bacharel em Turismo pela Anhanguera Educacional. Professor do Mestrado em Turismo da UFF. Líder do grupo de pesquisa MobLaTus. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4228033A3>. bernardocheibub@id.uff.br

dado que até os econômicos, que são quantitativos (ingresso de divisa, gasto político), apresentam dificuldade de apreensão”. Portanto, compreender tal fenômeno e seus efeitos, tanto para o turista, quanto para a comunidade receptora da atividade, torna-se um desafio constante para os pesquisadores da área.

Especificamente sobre a temática do turismo em favela, nota-se que o caráter incipiente dos estudos abre espaço para investigar esta atividade por meio de diferentes abordagens teóricas e metodológicas. Assim, este trabalho compõe reflexões preliminares sobre como os estudos do sociólogo Pierre Bourdieu podem auxiliar no entendimento deste recente e instigante fenômeno.

De tal modo, o objetivo do artigo é articular reflexões sobre as teorias de campo⁴ e *habitus*⁵ de Bourdieu, apontando como tais noções podem contribuir para a compreensão do fenômeno do turismo na favela. Convém explicar que mesmo não tendo escrito sobre os temas que compõem o cerne deste artigo (turismo e/ou favela), Bourdieu oferece apoio aos autores deste trabalho em suas considerações sobre a temática abordada, pois entende-se a favela como um campo de disputas, dada a dinâmica particular presente em seu espaço social, e que a mesma é produtora de um *habitus* que, como o seu campo, é igualmente singular, se os compararmos com outras áreas da cidade. Assim sendo, acredita-se que a turistificação das favelas implica em novas condições sociais que, de modo gradativo, podem afetar o *habitus* e a dinâmica do campo em questão.

De acordo com Pinto (2000), as noções de campo e *habitus* são fundamentais para a compreensão da sociedade, pois vão influenciar o modo de fazer teoria, indo além das esferas empíricas em que foram criadas e testadas. Nessa perspectiva, esses conceitos centrais de Bourdieu serão discutidos no presente estudo (turismo em favela), uma vez que a análise do campo é importante para compreender a dinâmica deste território caracterizado pelas relações de poder e disputas por diferentes tipos de capital⁶, e a análise do *habitus* auxilia a entender como o turismo pode ser capaz de afetar a construção e a ressignificação do *habitus* dos agentes envolvidos neste processo, especialmente os moradores.

A relação entre estes pontos de observação ocorre quando se faz uma reflexão sobre como se estrutura o turismo em favela – considerado aqui como uma ramificação da experiência turístico-urbana – e como as atividades turísticas afetam a comunidade anfitriã⁷.

⁴ Campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura” (BOURDIEU, 1996, p. 50).

⁵ “*Habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que [por exemplo] o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo” (BOURDIEU, 1996, p. 22).

⁶ Bourdieu (1996, 2009) trata em suas obras sobre a existência de diversos tipos de capital: capital econômico, social, cultural e simbólico.

⁷ Ressalta-se que se optou por abordar este tema sem manter o foco em uma favela específica, para que as questões/reflexões não fiquem presas a uma localidade. Cabe pontuar que quando alguma favela for citada,

Assim sendo, no campo teórico, observa-se a importância dos estudos do turismo como um fenômeno dinâmico e complexo que pode causar transformações nas estruturas socioculturais das comunidades receptoras, visto que, para se desenvolver, depende não só de equipamentos próprios do turismo (hotéis, agências...), mas também demanda uma participação (voluntária ou não) daqueles que vivem nas localidades visitadas (KNAFOU, 1996; FRATUCCI, 2008, 2009, 2014; HAYLLAR *et al.*, 2011; HIERNAUX; GONZÁLEZ, 2014).

A fim de explicar as possíveis contribuições de Pierre Bourdieu com o fenômeno da turistificação de favelas, este artigo em um primeiro momento faz uma revisão bibliográfica das obras do referido sociólogo e do turismo em favela; em um segundo momento são extraídos para análise fragmentos dos trabalhos “Novos Regimes Territoriais em Favelas Cariocas” (LEITE, 2015) e “O Processo de Turistificação do Morro Santa Marta, Rio de Janeiro” (PEREIRA, 2014).

2 Sobre as noções de campo e *habitus* de Bourdieu

No livro *Coisas Ditas* (2004), Pierre Bourdieu explica que o modelo que ele propõe da relação entre os *habitus* e campo “fornece a única maneira rigorosa de reintroduzir os agentes singulares e suas ações singulares sem cair [...] na anedota sem pé nem cabeça da história factual”. Partindo desse pressuposto, faz-se necessário compreender essas noções preconizadas pelo autor, antes de avançar nas reflexões que as tomam como base nas seções posteriores.

Referente a noção de campo, Bourdieu (2004, p. 34) indica que sua teoria não trata de um campo específico, mas sim algo que poderia se chamar “a pluralidade dos mundos”, uma vez que, para o autor, essa teoria seria uma reflexão sobre a “pluralidade das lógicas correspondentes aos diferentes mundos, ou seja, aos diferentes campos enquanto lugares que se constroem sentidos comuns, lugares-comuns, sistemas de tópicos irreduzíveis uns aos outros”.

Sobre esses diferentes campos, Lescura (2013) explica que o espaço social a que Bourdieu se refere pode ser entendido como um conjunto regido por diferentes campos, que podem ser de natureza científica, religiosa, artística, cultural, jurídica. Esses campos se expressam por um jogo de forças entre os agentes que lutam por fins diferenciados, conforme sua posição na estrutura.

Bourdieu (2004) argumenta que os interesses dos agentes em determinados campos podem mudar. De modo prático, o autor explica que aqueles que, por exemplo, têm maior interesse no “jogo” do campo artístico, podem não apresentar tanto interesse no campo econômico e vice-versa. Neste sentido, existe uma variedade de campos e, por conseguinte, interesses distintos. Entretanto, em qualquer um deles, há uma luta pelo monopólio da legitimidade.

esta servirá como um exemplo a fim de facilitar a compreensão do leitor quanto as questões abordadas pelos autores.

Nesse contexto, o autor sugere que o campo é um espaço social de lutas travadas entre dominantes e dominados, cujas “decisões (de ambos) são somente escolhas entre possíveis definidos (em seus limites) pela estrutura do campo” (1997, p. 27), e quando há intervenções no campo, essas “devem sua existência e eficácia à estrutura das relações objetivas no seio do campo entre aqueles que as operam e aqueles que lhe estão submetidos” (BOURDIEU, 1997, p. 27).

Ainda sobre essa questão das disputas, Bourdieu (2004) esclarece que o campo é objeto de luta tanto em sua representação, como em sua realidade, e que a sua diferença em relação ao jogo reside no fato de que no campo as próprias regras que o regem podem ser questionadas ou colocadas em jogo, sendo inclusive alteradas de acordo com a interferência dos agentes.

Sobre o conceito cunhado por Bourdieu, Thiry-Cherques (2006, p. 31) comenta que

[...] o campo é delimitado pelos valores ou formas de /capital/ que lhe dão sustentação. A dinâmica social no interior de cada campo é regida pelas lutas em que os agentes procuram manter ou alterar as relações de força e a distribuição das formas de capital específico. Nessas lutas são levadas a efeito /estratégias/ não conscientes, que se fundam no /*habitus*/ individual e dos grupos em conflito.

O campo é composto de outros elementos que Bourdieu entende como igualmente importantes para compreender o espaço social. A *doxa* é uma crença política, uma visão particular dos dominantes, que se impôs a partir de disputas contra outras visões concorrentes e se impõe como algo universal dentro do campo (BOURDIEU, 1996). Os tipos de capital são outros elementos inerentes do campo e importantes para a sua construção, pois a partir deles pode-se compreender quais são os interesses dos agentes no campo.

Os tipos de capital mais tratados pelo autor são: econômico, cultural, social e simbólico. O capital econômico assemelha-se à própria ideia de capital que temos no mundo capitalista. Este é constituído pelos meios de produção como, por exemplo, terra, indústrias e trabalho e, pelos recursos econômicos, como renda, patrimônio, bens materiais. Os elementos que compõem o universo do capital econômico estão na esfera da tangibilidade, portanto, são facilmente intercambiáveis, transferidos, herdados (BOURDIEU, 2003). O capital cultural pode ser compreendido como o conjunto de qualificações obtidas pelos agentes, especialmente por meio das instituições educacionais, podendo se manifestar em três formas: no estado incorporado (sob a forma de disposições duráveis no organismo); no estado objetivado (sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas) e no estado institucionalizado (sob a forma de titulações, certificados escolares) (BOURDIEU, 2010). Já o capital social está relacionado à vinculação a um grupo, a um conjunto de agentes que são unidos por laços permanentes e úteis. Essas ligações não se reduzem as relações objetivas de proximidade no espaço físico, econômico ou social, mas se fundam em um relacionamento simbólico, cuja criação e perpetuação decorrem do reconhecimento mútuo entre os agentes. E finalmente, o capital simbólico, que encontra-se ligado à ideia de reconhecimento. Para Bourdieu (1996) a forma como os

capitais anteriores são reconhecidos e percebidos pelos agentes de campos específicos é o que garante a existência do capital simbólico.

Quanto ao *habitus*, Lescura (2013) indica que essa noção emerge após Bourdieu investigar a sociedade Cabila, na qual o autor percebeu que a forma de agir e responder a determinados problemas cotidianos não apresentavam um princípio racional.

Para Bourdieu (2001, p. 169), a noção de *habitus* tem como uma das funções principais

[...] descartar dois erros complementares cujo princípio é a visão escolástica: de um lado, o mecanismo segundo o qual a ação constitui o efeito mecânico da coerção de causas externas; de outro, o finalismo segundo o qual, sobretudo por conta da teoria da ação racional, o agente atua de maneira livre, consciente e, como dizem alguns utilitaristas, *with full understanding*, sendo a ação o produto de um cálculo das chances e dos ganhos. Contra ambas as teorias, convém ressaltar que os agentes sociais são dotados de *habitus*, inscritos nos corpos pelas experiências passadas: tais sistemas de esquemas de percepção, apreciação e ação permitem tanto operar atos de conhecimento prático, fundados no mapeamento e no reconhecimento de estímulos condicionais e convencionais a que os agentes estão dispostos a reagir, como também engendrar, sem posição explícita de finalidades nem cálculo racional de meios, estratégias adaptadas e incessantemente renovadas, situadas porem nos limites das constrações estruturais de que são o produto e que as definem.

Bourdieu (1996, p. 22) pondera que “os *habitus* são diferenciados; mas são também diferenciadores”, podendo ser “distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções: põem em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferenciadamente os princípios de diferenciação comuns”.

O autor comenta que o “*habitus* é subjetividade socializada, transcendental histórico, cujas categorias de percepção e de apreciação (os sistemas de preferência) são o produto da história coletiva e individual [do agente social]” (BOURDIEU, 1997, p. 47).

O *habitus* nada tem de um princípio mecânico de ação ou, mais exatamente, de reação (à maneira de um arco reflexo). Ele é espontaneidade condicionada e limitada. Ele é este princípio autônomo que faz com que a ação não seja simplesmente uma reação imediata a uma realidade bruta, mas uma réplica “inteligente” a um aspecto ativamente selecionado do real: ligado a uma história cheia de um futuro provável, ele é a inércia, rastro de sua trajetória passada, que os agentes opõem às forças imediatas do campo, e que faz com que suas estratégias não possam ser deduzidas diretamente nem da posição nem da situação imediatas. Ele produz uma réplica, cujo princípio não está inscrito no estímulo e que, sem ser absolutamente imprevisível, não pode ser prevista a partir apenas do conhecimento da situação; ele é uma resposta a um aspecto da realidade que se distingue por uma apreensão seletiva, partidária e parcial (sem ser para tanto “subjetiva”, no sentido estrito) de certos estímulos, por uma atenção pela face particular das coisas, da qual se pode dizer, indiferentemente, que ela “suscita o interesse” ou que o interesse a suscita; ele é uma ação que se pode, sem contradição, chamar ao mesmo tempo de determinada e espontânea, já que é determinada por estímulos

condicionais e convencionais, que existem como tais apenas para um agente disposto e apto a percebê-los (BOURDIEU, 1997, p. 48).

Ainda sobre essa noção, Pierre Bourdieu indica que o *habitus* é uma necessidade transformada em virtude, que vai produzir estratégias que se mostram objetivamente ajustadas à situação, e sendo uma ação dirigida pelo “sentido do jogo” tem aspectos de uma ação racional, contudo, o *habitus* não tem propriamente uma razão (2004).

Bourdieu (2004, p. 24) avalia que o *habitus* tem uma relação direta com o campo, uma cumplicidade ontológica, como o próprio autor menciona, originando uma espécie de conhecimento sem consciência, de intencionalidade, sem intenção.

Assim como o campo, o *habitus* apresenta outros elementos que Bourdieu aponta como importantes para se compreender essa noção. A *hélix* constitui a estrutura física, o corpo que está no mundo social, e este mundo social está presente nesse corpo, estruturado de uma forma que se personifica, por exemplo, na postura do camponês e seu modo de vestir. Outro elemento importante é o *Ethos*, que são os valores, crenças pré-reflexivas que, além de constituírem o *habitus*, orientam as ações dos agentes (BOURDIEU, 2001).

Bourdieu (1996) pondera que campo e *habitus* se retroalimentam. De tal modo, em um dado momento um pode causar transformações no outro, pois constituem estruturas estruturadas estruturantes. Nesse sentido, os agentes sociais não são “partículas passivamente conduzidas pelas forças do campo [...]. Eles têm disposições adquiridas [...], maneiras de ser permanentes, duráveis que podem [...] leva-los a resistir, a opor-se às forças do campo” (BOURDIEU, 2003, p. 28).

Antes de seguir para a análise do turismo em favela a partir das noções de campo e *habitus*, preconizadas por Pierre Bourdieu, a próxima seção traz uma introdução sobre a relação do turismo com as favelas.

3 Turismo em favela

A busca por novas experiências pode estar atrelada ao desejo de conhecer pessoas e seus lugares que, isoladamente ou não, têm motivado turistas a fazerem mais viagens pelo mundo, à procura daquilo que lhes é novo, ou como propõe Alexandre Panosso Netto (2005), estão em busca de algo novo e diferente daquilo que estavam habituados a experimentar.

Para Bauman (1998, p. 114), o turista é um ser dinâmico, sempre em movimento e o mundo é o atrativo que desperta esse anseio por mobilidade: “os turistas podem sair de novo a caminho, de uma hora para a outra, logo que as coisas ameaçam escapar do controle, ou quando seu potencial de diversão parece ter-se exaurido [...]”. Sobre a importância da mobilidade para os turistas, Bauman (1998) pondera que os turistas dão a essa habilidade o nome de liberdade, autonomia ou independência, e prezam por ela mais do que qualquer outra coisa.

A satisfação desse desejo de liberdade, tratada por Bauman (1998), harmoniza-se na prática do turismo, que passou a ser conhecido como um dos maiores fenômenos socioeconômicos da atualidade⁸.

Para Hayllar (*et al.*, 2011, p. 3), “as áreas urbanas oferecem cenários sociais, culturais, físicos e estéticos sobre os quais a atividade turística pode se desenvolver”. Os autores complementam: “os visitantes interagem com atrações e infraestruturas geralmente desenvolvidas para **fins não turísticos** [...]” (grifo nosso).

Nesse sentido, é possível crer que aqueles que consomem os produtos/serviços oferecidos no turismo em favela têm como motivação principal os segmentos sociais, de características étnico-culturais, que possibilitam uma leitura (parcial) da realidade sociocultural e econômica do local, tendo como pontos fixos locais com “fins não turísticos” – isto é, espaços que não foram organizados previamente para a exploração turística, e às vezes sequer foram planejados/estruturados plenamente para o usufruto dos moradores locais (PEREIRA, 2014).

Partindo destas observações, a consolidação da prática do turismo nas favelas parece ser um dos resultados da necessidade dos agentes do mercado turístico em preencher uma lacuna na oferta turística do núcleo receptor, passando a ver nesses lugares, uma oportunidade de turismo. Knafou (1996) aponta o mercado como um dos agentes promotores da turistificação. Neste contexto, esse agente busca criar atrativos turísticos para suprir suas demandas e, por conseguinte, até mesmo lugares antes marginalizados, como as favelas, passam a ser uma opção para o consumo turístico.

Em entrevista para a revista *Veja*, Bianca Freire-Medeiros afirma que “o turismo em favela começou com a ECO 92⁹, quando se passou a levar estrangeiros à Rocinha – pessoas ligadas em ecologia e interessadas em alternativas ao turismo de massa”.¹⁰ Essa afirmativa reforça o ponto abordado anteriormente, indicando que essas pessoas interessadas em um ‘turismo alternativo’, acabaram por sinalizar para o mercado mais um local que poderia tornar-se um atrativo turístico – naquele período provavelmente considerado um local mais exótico do que nos dias de hoje, em que vários turistas sobem os morros diariamente para, entre outras coisas, tirar fotos.

Nesse sentido, percebe-se que o turismo, enquanto fenômeno socioespacial (FRATUCCI, 2014), pode estar atrelado a outros processos que acontecem, como ele, em escala mundial, como a globalização. Segundo Maio (2006, p. 5), o turismo deve ser entendido como uma “[...] dimensão constitutiva do processo de globalização, não sendo

⁸ Alguns dados que corroboram a relevância socioeconômica do fenômeno: o turismo contribuiu, em 2013, com 9,5% do PIB mundial, 3,4% do total de empregos (266 milhões) e 5,4% de divisas, segundo o *Travel & Tourism Economic Impact World* (2014). Disponível em: <<http://www.wttc.org/-/media/files/reports/economic%20impact%20research/regional%20reports/world2014.pdf>>. Acesso em: 20/maio/2016.

⁹ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992.

¹⁰ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/turismo-favela-violencia-atrai-visitantes>>. Acesso em: 04/jan/2015.

possível separá-los. Afirma-se isso, considerando que o turismo se desenvolva dentro da lógica capitalista que se processa em nível global”. A autora conclui que não se pode isolar o turismo e a comunidade em estudo dos fenômenos que ocorrem simultaneamente no mundo (MAIO, 2006).

Sendo o turismo um fenômeno dinâmico, acaba tornando-se um elemento modificador das localidades onde ele se desenvolve. Fratucci (2008, p. 277) explica que o turismo acontece a partir de encontros aleatórios (intencionais ou não) entre os diversos agentes sociais que, em uma aparente desordem inicial, articulam diversas interações causadoras de modificações no comportamento e na natureza dos elementos, corpos, objetos ou territórios envolvidos.

Para Bourdieu (1996, p. 15), “não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergindo na particularidade de uma realidade empírica”. Assim sendo, para trazer algo mais concreto sobre estes temas – as teorias preconizadas por Bourdieu e os estudos do turismo em favela – e articulá-los, utilizou-se na próxima seção, como base para as reflexões, fragmentos dos trabalhos realizados por LEITE, (2015) e PEREIRA (2014), e, também, outras produções de autores que tratam direta e indiretamente dos efeitos do turismo em comunidades receptoras.

4 Estudos do turismo em favela

Leite (2015, p. 3) argumenta que as favelas são

constituídas na percepção social como ‘margens’ da cidade, enquanto território da violência e de uma sociabilidade avessa às normas e valores dominantes, as favelas são habitadas por uma população identificada por esta designação que a engloba e que essencializa uma diferença desta em relação ao restante da população da cidade, bem como de seu local de moradia em relação aos bairros.

Além de indicar o modo como as favelas são percebidas por aqueles que estão fora dela, as considerações da autora dialogam com as noções de campo e *habitus* de Bourdieu, pois como fora indicado pelo autor, esses marcos têm relação direta com os espaços de convivência dos agentes que estão inseridos na unidade em análise aqui. Notadamente, entende-se que a favela (qualquer uma delas) pode ser considerada um campo, em razão da sua singular dinâmica, das relações de poder que ali podem existir, fruto das disputas por diferentes tipos de capital entre seus agentes, da *doxa* presente, entre outros aspectos.

Isso significa que tanto o *habitus* como o campo constituem pontos de análise que podem vir a ser utilizados para construir uma teoria sobre o turismo em favelas, ao mesmo tempo que ajudam a entender as transformações que começam a ser percebidas por causa da atividade turística¹¹. Nesse contexto, Freire-Medeiros (2006, p. 2) pondera:

¹¹ É conveniente frisar que “o turismo não é o sujeito dos processos de turistificação, mas sim o resultado das ações e das interações dos diversos agentes sociais que o produzem [...]” (FRATUCCI, 2008, p. 14). Knafou (1996) sugere três agentes sociais que, de modo interdependente, produzem a turistificação: os turistas, o

Em tempos de globalização, o que é certo é que a indústria do turismo é responsável por criar maneiras de transformar, circular e consumir localidades, criando uma cultura material e uma “economia de sensações” que lhe é específica. O turismo precisa, portanto, ser entendido como um processo social capaz de engendrar formas de sociabilidade que produzem efeitos ainda por conhecer.

Cabe sublinhar que algumas transformações nas favelas do Rio de Janeiro não estão acontecendo simplesmente ao acaso, Leite (2015, p. 9-10, grifo nosso) explica que essa intervenção se dá pelo fato da

identificação das potencialidades das favelas que são tornadas mercadorias (**construção de pousadas, ampliação dos circuitos de turismo em favelas**, oferta de bens e serviços aos quais a marca favela agregue valor, por exemplo) e que podem valorizar a terra e as moradias.

Um dos pontos que se pode identificar a necessidade de estudos sérios nessas localidades é o fato desses espaços estarem sofrendo esse processo de valorização pontuado por Leite (2015) – o qual pode eventualmente se configurar como gentrificação¹². Esse fenômeno pode impactar significativamente a vida e os costumes dos residentes locais, influenciando, de alguma forma, nos processos de construção e ressignificação do *habitus* dos agentes envolvidos. Assim, acredita-se que o turismo praticado nas favelas afeta “naturalmente” a estrutura destas, considerando-as como um campo que pode estar sujeito a novas forças e regras impostas por essa atividade.

Nesse sentido, acredita-se que o processo de turistificação pode engendrar mais disputas entre os agentes dominantes e dominados, pois eles passam a disputar um lugar naquilo que Bourdieu indica como “campo econômico”¹³. Por conseguinte, poderá afetar também o *habitus* da população residente, visto que está em jogo um ‘novo’ arranjo do espaço social e sua estrutura.

A saída dos traficantes e a chegada e presença “permanente” da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP)¹⁴ sinalizam outra mudança de paradigma e, talvez, seja o exemplo mais

mercado e os planejadores. Para Maio (2006, p. 6), não se pode “depositar no turismo toda a culpa por transformações socioculturais sem refletir sobre essa situação no mundo globalizado”.

¹² Este fenômeno se “caracteriza pelo enobrecimento do espaço urbano gerado por investimentos públicos e privados na renovação ou revitalização de áreas urbanas degradadas, ou seja, estão intimamente ligadas às estratégias de mercado imobiliário, normalmente aliado a uma política pública de suposta ‘revitalização’ que expulsa a população original sutilmente, atraindo residentes de renda mais alta [...] (SILVA; RUAS; ROSSI, 2012, p. 2). Para Neil Smith (1996), é a “elitização, expulsão da população mais pobre” (*apud* MARQUES, 2010, p. 58).

¹³ “O campo econômico é constituído de um conjunto de subcampos, correspondendo ao que se entende geralmente por “setores” ou “ramos” da indústria” (BOURDIEU, 1997, p. 24). Para Bourdieu (1997, p. 22), “o campo econômico se distingue dos outros campos pelo fato de que as sanções são especialmente brutais e que as condutas podem se atribuir publicamente como fim a busca aberta da maximização do lucro material individual”.

¹⁴ “O Programa engloba parcerias entre os governos – municipal, estadual e federal – e diferentes atores da sociedade civil organizada e tem como objetivo a retomada permanente de comunidades dominadas pelo tráfico, assim como a garantia da proximidade do Estado com a população. A pacificação ainda tem um papel fundamental no desenvolvimento social e econômico das comunidades, pois potencializa a entrada de serviços públicos, infraestrutura, projetos sociais, esportivos e culturais, investimentos privados e oportunidades”. Disponível em: <http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp>. Acesso em: 04/jan/2015.

contundente das transformações sofridas no cotidiano dos moradores das favelas. Um dos pontos que chama atenção é o fato de que alguns moradores parecem aceitar a presença dos policiais, enquanto outros fazem total oposição aos mesmos.

Entre suas argumentações, Leite (2015, p. 5) fala que:

a “pacificação” proporciona, de um lado, não apenas segurança para os moradores, mas também a segurança necessária para o funcionamento das instituições nas favelas e, de outro, garante a legitimidade das demandas de seus moradores, não mais submetidos aos interesses dos traficantes de drogas e/ou das associações locais a eles submetidas.

A autora amplia seu olhar crítico, ao graduar que, nas favelas com UPPs, “vem se combinando diversos dispositivos legais, administrativos, de controle social coercitivo, cognitivos, morais, etc., que promovem e sustentam [...] a possibilidade/virtualidade de alteração de seu lugar na cidade” (LEITE, 2015, p. 8).

Concernente a essa questão, a autora elenca três tópicos, que, podemos conectar as noções de campo e *habitus* de Pierre Bourdieu, fornecendo um ideal consistente para algumas reflexões:

- 1) “Militarização do controle social dessas localidades com uma dimensão fortemente repressiva dos segmentos identificados como favelados violentos (jovens sobretudo)” (LEITE, 2015, p. 8) – refletindo a partir das noções de Bourdieu, esse trecho indica uma tentativa de um grupo exógeno de tentar controlar um grupo específico presente na favela, a qual, para o Estado, não está de acordo com as novas regras impostas no campo, modificado com a chegada das UPPs;
- 2) “**Normalização dos demais, através de uma nova ‘pedagogia civilizatória’** e com ênfase na aproximação (com) e no trabalho social sobre as crianças e uma interferência nas organizações de base das favelas” – essas ações engendram mudanças na estrutura do campo (pedagógico) dos moradores, por conseguinte, pode incidir em transformações no *habitus* dos agentes locais, uma vez que campo e *habitus* são elementos dinâmicos que se retroalimentam: quando um muda, pode-se esperar mudanças no outro;
- 3) “Reconfiguração das favelas ‘pacificadas’ como ‘territórios de negócios’, através do estímulo, do financiamento e da coordenação de diversas iniciativas de variados atores (internos e externos às localidades)”, buscando “‘abrir’ o território das favelas ao mercado” – essas ações apontam para uma tentativa de reestruturação do campo econômico já existente na favela, trazendo novos valores para os agentes internos (em outras palavras, um esforço em modificar, de alguma maneira, o *habitus* daquele coletivo).

Analisando as colocações de Leite (2015), percebe-se que agentes exógenos às favelas buscam reestruturar algumas de suas áreas a partir dos seus próprios padrões. Bourdieu (2003, p. 28) já indicara que

[...] aqueles que adquirem, longe do campo em que se inscrevem, as disposições que não são aquelas que esse campo exige, arriscam-se, por exemplo, a estar sempre defasados, deslocados, mal colocados, mal em sua própria pele, na contramão e na hora errada, com rodas as consequências que se possa imaginar. Mas eles podem também lutar com as forças do campo, resistir-lhes e, em vez de submeter suas disposições às estruturas,

tentar modificar as estruturas em razão de suas disposições, para conformá-las as suas disposições.

Esse trecho de Bourdieu (2003) oferece muitas ponderações. Em contraponto aos três tópicos de Leite (2015), Bourdieu (2003) indica, que aqueles que adentram um campo 'novo' podem sofrer alguns rechaços, algo evidenciado no caso das UPPs e de seus polícias, que não são plenamente aceitos pelos moradores das favelas pacificadas, usando o mesmo termo mencionado pelo sociólogo (2003): “deslocados”. Segundo o referido autor, os agentes externos não só resistem contra as disposições da estrutura já estabelecida no campo, como lutam para tentar modificar essa estrutura, de modo que ela sirva às suas disposições; no caso das favelas pacificadas apontadas por Leite (2015), fica evidente a iniciativa do Estado em transformar a estrutura da favela, desde suas bases pedagógicas, bem como o seu campo econômico. Para Bourdieu (1997, p. 33), “o campo de forças é também um campo de lutas destinadas a conservar ou a transformar o campo de forças, um campo de ação socialmente construído onde se afrontam agentes dotados de recursos diferentes”.

Ainda analisando o trabalho de Leite (2015), essa mudança forçada se configura no que a autora chama de “guerra às favelas”, em outras palavras, é por meio de “tiroteios, prisões por desacato, execuções e atos de resistência” que “o Estado vem se relacionando com aqueles que [...] não conseguem ‘remover a favela de dentro de si’” (LEITE, 2015, p. 9). Essa questão dialoga, principalmente, com a noção de *habitus*, visto que a autora supracitada descreve uma suposta remoção da favela daqueles que resistem a essa ‘reestruturação’, isto é, extrair dos agentes sociais daquelas localidades a estrutura que fora incorporada com o passar dos anos. Portanto, uma vez que há uma mudança na estrutura, há uma tentativa de ressignificação do *habitus* por aqueles que estão envolvidos nesta contextura.

Ao analisar o modelo de ocupação das favelas, Leite (2015, p. 10, grifo nosso) pondera que “a “pacificação” é o dispositivo que possibilitaria a produção do favelado como um “**novo homem**” [...]: civilizado e territorializado”. Visa então “transformar o favelado, produzir este novo homem, primeiro “pacificado” (ou seja, desvinculado dos nós das redes do tráfico de drogas ilícitas e da violência que as acompanha), depois “capturado pelo mercado” [...]” (LEITE, 2015, p. 11). Esses elementos vão corroborar com a construção do que Leite (2015) chama de “marca da favela”, os quais, também, parecem servir as necessidades do mercado imobiliário, já que uma imagem positiva daquelas localidades pode gerar um aumento neste mercado.

Portanto, a favela pode ser entendida aqui como espaço social (campo), onde tem acontecido diversas lutas para a reestruturação de suas bases, assim os agentes exógenos buscam promover ações que podem alterar o *habitus* coletivo e individual dos moradores, ao mesmo tempo que atingem os diferentes campos de poder (pedagógico, econômico...) da localidade.

Diante de tais reflexões, apontam-se as seguintes indagações: como acontece a transformação do morador, antes pedreiro, garçom, etc., para um empreendedor do

turismo, por exemplo? Se o *habitus* do agente é uma estrutura incorporada a partir de sua entrada no campo, interessa saber: em que aspectos o *habitus* individual e coletivo daqueles que vivem nas favelas pode ser reestruturado a partir desse processo capitaneado pelo Estado? Seria o turismo em favela uma atividade capaz de gerar mudanças nesses dois elementos a longo prazo?

O processo, citado por Leite (2015), que visa gerar esse ‘novo homem’, parece estar imerso em uma lógica capitalista que, devido as suas próprias características, simplesmente ignora as demandas sociais dos mais pobres, como por exemplo, a baixa escolaridade. Por conta desta realidade, alguns moradores não conseguem se inscrever em cursos de capacitação, logo, apenas uma pequena parcela irá de fato melhorar sua qualidade de vida, trabalhando como empreendedor ou como mão-de-obra dos empreendimentos que vão surgindo nestas localidades.

Sobre a produção desse morador/empreendedor, toma-se o exemplo do que vem acontecendo nos últimos anos no morro Santa Marta para indicar algumas mudanças no turismo em favelas. A moradora Sheila¹⁵ explica que quando começou a levar turistas para a favela (década de 1990) sua intenção não era ganhar dinheiro com essa atividade, mas sim em mostrar o local onde vive, ter uma troca cultural com aqueles que ela chamava de “amigos” e não de turistas (PEREIRA, 2014). Os mesmos se hospedavam em sua casa sem custo, pois, segundo a moradora, sua motivação principal era tirar a imagem de local violento do imaginário dessas pessoas. Atualmente Sheila é dona de uma empresa especializada em turismo em favela, atuando principalmente no Santa Marta (PEREIRA, 2014).

Não se pode deixar de observar uma evidente mudança nas relações sociais entre os visitantes e visitados, de um relacionamento mais informal para um mais formal, regido por um interesse mercadológico. Logo, acredita-se que houve uma mudança no campo econômico local, que atingiu, principalmente, aqueles que buscaram trabalhar diretamente com turismo.

Outro ponto de análise, fruto da pesquisa de Pereira (2014), é que a moradora mencionada avalia que, mais recentemente, até mesmo as crianças enxergam nos turistas uma possível fonte de renda, ao pedirem dinheiro aos estrangeiros.

Concernente aos turistas, acredita-se que estes também são agentes exógenos que podem vir a provocar mudanças no campo/*habitus* das favelas, logo, devem ser objeto de análises dos pesquisadores nos estudos do turismo em favela. Observa-se que ultimamente alguns turistas estão se hospedando temporariamente ou morando nas favelas. Andrea, moradora e comerciante local, argumenta que a favela Santa Marta tem sido escolhida pelos turistas “porque foi a primeira a ser pacificada e, além disso, comenta que o fato deles [os turistas] não ouvirem relatos de confrontos entre policiais e traficantes no morro colabora com a construção de uma imagem de local mais pacífico” (PEREIRA, 2014, p. 55).

¹⁵ Sheila é Diretora da empresa Brazilidade, fundadora do Comitê de Turismo da favela Santa Marta, bacharel em Turismo, Pós-graduada em Gestão de Negócios e Turismo e guia local (PEREIRA, 2014, p. 55).

Neste contexto, cabe observar que a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) tem então um papel fundamental nessa construção imagética de local seguro, pois a presença do Estado parece estar mais evidente para aqueles que são “de fora”.

Quanto a chegada de ‘novos moradores’, isto é, pessoas de fora do “pedaço” (MAGNANI, 1996), a moradora Sheila comentou que já é possível perceber que existem pessoas que “tem uma renda mais elevada se movendo para os territórios de favela, modificando as características desses espaços” (PEREIRA, 2014, p. 69). Sobre essa questão a moradora faz o seguinte alerta: “Será que daqui a dez anos a população original vai tá aqui mesmo? Ou ela vai ser vítima desse processo [gentrificação]?” A mesma conclui: “É um processo de especulação imobiliária, de valorização urbana do espaço, que ele na verdade melhora a condição de vida para quem tem grana. Mas para quem não tem, a gente, é praticamente expulso dessas áreas” (PEREIRA, 2014, p. 69).

O alerta da moradora parece legítimo, uma vez que de fato observa-se uma presença cada vez maior de turistas morando em favelas. A entrada desses novos agentes pode implicar em diversas mudanças na estrutura do campo/*habitus*, pois eles inserem uma nova ordem naquelas localidades. Além disso, cabe a reflexão: o ‘turista’ que mora na favela será ‘adotado’ por ela ou sempre será visto como uma figura exótica, o ‘gringo que mora ali’? De que maneira esses novos agentes sociais podem transformar o campo? Existirão novas disputas? Qual será a *doxa* vigente?

De modo geral, a ideia do turismo na favela é geradora de algumas polêmicas, pelo fato de existir sérias críticas a uma possível mercantilização da pobreza, característica própria dessas localidades; a partir das noções de Bourdieu, vale refletir sobre os possíveis ganhos e perdas (a longo prazo) nos campos e *habitus* destas comunidades.

5 Algumas considerações

Conforme visto na seção anterior, as favelas, ao mesmo tempo que estão inseridas na metrópole, estão as margens dela, e o turismo se incorpora nesse ambiente como um fenômeno social que explora diversos pontos das cidades. Nesse sentido, percebe-se que a turistificação em algumas favelas demanda primeiramente de um esforço de agentes externos a ela, para depois contar com a participação dos moradores (voluntária – aqueles que trabalham diretamente com turismo – ou involuntária – a maioria da população que é vista/visitada independentemente do seu desejo). Esses agentes, por diferentes motivos, corroboram com uma reestruturação gradativa do campo e do *habitus* das favelas onde acontece o turismo, indo, neste processo, desde um maior envolvimento até uma passividade plena.

Acredita-se que com base nas questões elaboradas neste artigo, as noções de campo e *habitus* de Bourdieu contribuirão para a compreensão dos efeitos do fenômeno turístico sobre o espaço de sociabilidade dos moradores das favelas; ou seja, como a atividade turística pode gerar mudanças no campo e no *habitus* de alguns grupos que estão mais

envolvidos na operação desse tipo de turismo? As noções de Pierre Bourdieu poderão fundamentar diversas reflexões sobre o tema e, a partir delas, aqueles que investigam sobre o assunto terão à disposição um arcabouço teórico-metodológico aplicável nas suas pesquisas.

Referências bibliográficas

BARRETO, Margarita. (2005). *Planejamento Responsável do Turismo*. Campinas: Papius.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*. Tradução: Mariza Corrêa – Campinas, SP: Papius, 1996.

_____. *Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 316p

_____. *Contradições da herança*. In: NOGUEIRA, A. M.; CATANI, A. (Ed.). *Escritos da educação*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.p.231-247.

_____. *O Campo Econômico*. In: *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 119, setembro de 1997, p. 48-66. Trad. Suzana Cardoso e Cécile Raud-Mattedi.

_____. *Meditações Pascalianas*. Trad. Sergio Miceli – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *Os Usos Sociais da Ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico*. Trad. Denice Barbara Catani. Fundação Editora da UNESP (FEU), 2003.

_____. *Coisas Ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. – São Paulo: Brasiliense, 2004.

FRATUCCI, Aguinaldo César. *A dimensão espacial nas políticas públicas brasileiras de turismo: as possibilidades das redes regionais de turismo*. 2008. Doutorado em Geografia – (Departamento de Geografia) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

_____. *Turismo e território: relações e complexidades*. Caderno Virtual de Turismo. Edição Especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, s.87-s.96, nov. 2014.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *A construção da favela carioca como destino turístico*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

_____. *Gringo na Laje: produção e consumo da favela turística*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. – (Coleção FGV de bolso. Série Turismo).

_____. (2015) *Produção da Favela Turística*. In: NETTO, Panosso; ANSARAH, Marília Gomes do Reis. *Produtos Turísticos e Novos Segmentos de Mercado: Planejamento, Criação e Comercialização*. Editora Manole, Barueri, SP.

HAYLLAR, B. *et al.* *Turismo em Cidades: Espaços Urbanos, Lugares Turísticos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HIERNAUX, Daniel; GONZÁLEZ; Carmen I. *Turismo y gentrificación: pistas teóricas sobre una articulación*. *Revista de Geografía Norte Grande*, 58: 55-70 (2014).

KNAFOU, Remy. *Turismo e Território: Por uma abordagem científica do turismo*. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (org.). *Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: HUCITEC, 1996, p.62-74.

LEITE, Márcia Pereira. *Novos Regimes Territoriais em Favelas Cariocas*. Anais: XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis – SC, 2015.

MAIO, Ivone dos Passos. *Antropologia e Turismo: reflexões teóricas sobre o estudo de processos socioculturais nas localidades receptoras*. IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo Caxias do Sul, RS, Brasil – 7 e 8 de julho de 2006.

MAGNANI, José G. C. *Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na MetrÓpole*. 2003. In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.) *Na MetrÓpole –Textos de Antropologia Urbana*. EDUSP, São Paulo, 1996.

MARQUES, Monique Sanches. *Subjetividades e singularidades urbanas: na construção de um “devir” outro arquiteto urbanista / Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura*, 2010.

PANOSSO NETTO, A. *Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph, 2005.

PEREIRA, Rafael Melo. *O Processo de Turistificação do Morro Santa Marta, Rio de Janeiro*. Monografia (Pós-Graduação em Gestão de Empreendimentos Turísticos) – Niterói: UFF, 2014. p. 91.

SILVA, G. P. P. G.; RUAS, Daniele Bento; ROSSI, Ângela Maria Gabriella. *A Expansão Urbana e a Gentrificação no Bairro de Icaraí, Niterói*. 2012. – XIV ENTAC - Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído – 29 a 31 Outubro 2012 - Juiz de Fora.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. *Pierre Bourdieu: a teoria na prática*. *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-55, 2006.